

**Coreológicas Ludus (60')**  
**Caleidos Cia. de Dança**  
**Galeria Olido/Sala Paissandu**

*Coreológicas Ludus* teve como objetivo a remontagem, mediante releitura, dos espetáculos *Coreológicas*, da *Caleidos Cia. de Dança*, apresentados ao longo de quatorze anos (1996-2008).

Para grupos de dança, que, de maneira estável, vem trabalhando ao longo do tempo, remontagens constituem-se em preciosas oportunidades de estudo e prospecção do realizado, em laboratórios onde o trabalho com a memória em arte da cena se instaura em todos os seus sentidos.

Para tanto, necessário se faz trabalhar com os registros – dvds, partituras, desenhos, fotos, cadernos de notas-, mas sobretudo com os registros inscritos na memória dos intérpretes de cada obra – o corpo sendo a principal topologia da memória da dança.

Em obras de repertório recente, tal projeto, o trabalho de reposição, releitura, remontagem a partir de um mix de registros- corporais e outras mídias- torna-se um privilégio pelo pouco tempo de existência das obras dançadas, sobretudo se as comparamos com as “obras de repertório” dos séculos XVIII e XIX.

O espetáculo *Coreológicas* vem sendo o carro-chefe da *Cia. Caleidos*. Como releitura da série, *Ludus* também tem por base a coreologia de Rudolf Laban e ao nome original dos que o precederam acrescentou-se o vocábulo latino *ludus*, que aponta para os sentidos de jogo, brincadeira, divertimento.

Jogo e brincadeira estão presentes nesta obra apresentada na 4ª Mostra de Fomento à Dança, sobretudo na apresentação, explicitação e acesso à operacionalidade das regras de funcionamento do realizado frente ao público, que, convidado a subir ao palco, compõe, num primeiro momento, uma moldura do que ali será proposto à maneira da dança.

A estratégia coreográfica insere-se no universo de projetos modernos, nos quais se busca a apresentação da matéria da dança em si - de sua estrutura-, desvendada para tornar mais potente a sua concretude frente aos homens de seu tempo, em oposição aos artifícios para a narração de histórias de outros mundos, por exemplo, os de sílfides românticas.

Em *Ludus*, as normas se explicitam claramente, regra de ouro dos jogos e das brincadeiras, como no “siga seu mestre”, seguidas de mecanismos básicos de composição, onde os movimentos se articulam de maneira linear.

A partir destas ações, aqueles que do público aquiesceram com entusiasmo em participar da obra junto aos artistas, estabelecem um ambiente em que usufruem divertidamente da estrutura montada, o que vem de encontro ao “convite a todos os corpos para apreciar, dançar e experimentar a ludicidade da arte”, como o grafado no programa.

Da platéia observamos as ações e reações, restando, depois de mais tempo decorrido a sensação de que uma ausência se faz presente- a tensão, advinda do relacionamento entre pares, no contraste de dinâmicas, que nesta obra estabelecem-se de maneira linear e quase sem polarização.

E a tensão – advinda de contrastes - é parte integrante da dança, mas também do jogo- *ludus*.

Nele, e freqüentemente na brincadeira, há um momento privilegiado onde se instaura a tensão. Ela se dá a ver sobretudo pelo e no rompimento de alguma das regras, que por serem conhecidas de todos (o conhecimento das normas é tão importante quanto a sua existência em si) fazem da ruptura uma situação nova, trazendo o inusitado a este tipo de atividade humana, ancestralmente ancorada em nossas trajetórias culturais.

A tensão advinda da quebra com o conhecido, notadamente se coloca pelo e no antagonismo entre pares. Estes, no jogo ou brincadeira, encontram-se em “estado de competição”, sempre a partir de regras pré-estabelecidas, visto não estarmos no ambiente de forças bárbaras ou em mundo de desorganização selvagem.

Arbitradas por aqueles que muitas vezes são os sábios, mestres ou juízes, por mais conhecimento acumularem sobre as normas da operação lúdica, nestes momentos o que se instala é um tipo de tensão - o **agon**, presente no mundo civilizado ou em permanente processo de civilização.

Na dança, o confronto que coloca seus artistas em relação cênica pode ter origem em várias estratégias de composição/direção/coreografia, indo de propostas mais ancoradas em dramaturgia dramática até a pura e lindamente desencarnada tática de uma dramaturgia fundada em sua estrutura, desvendando-se as regras de seu funcionamento, no que muito pesquisadores denominam “dança pela dança”.

Na maior parte desta obra da *Caleidos*, temos a ausência desta tensão. Regras são propostas, mas não rompidas, tudo parece estar previsto em clima que aponta para um idílio entre todos.

No entanto, a tensão, o original, o diferente, o poético, o dramático, o grotesco, o belo, o feio ou o, de fato, terno, aparecem aqui e ali.

Como que por frestas do proposto ficam a encargo da atuação do público, em sua maior parte pessoas sem formação de dança, que em cena expõem com coragem o frescor de movimentos de corpos amadores, sua alegria de mover-se, de mostrar-se, de participar do que poderia ser um *Ludus* mais intenso.

Estão de parabéns.

À *Caleidos*, talvez, um desafio: aprofundar a estrutura do *Coreológicas*, nesta série, ou em outras criações onde seus temas

se apresentem, em busca de um embate mais intenso e espesso do até aqui trabalhado.

A companhia e seus diretores têm fôlego e talento para isto e, sobretudo seriedade de bem produzir e fundamentar as obras que levam à cena, muitas delas realizações de fronteira entre arte e educação.